

Eleição menor

JUN 1988

Villas-Bóas Corrêa

As vésperas da decisão da Constituinte sobre a duração do mandato do presidente José Sarney — e antes que engrosse a onda de incompreensão e de cobrança — vale a pena aproveitar a pausa para um balanço dos erros e desencontros que tornaram provável ou inevitável os cinco anos, com o adiamento das presidenciais diretas para 89 e a devida distribuição das carapuças.



Antes de começar é necessário fixar bem a diferença entre o palpite deformado pela parcialidade, a visão do torcedor, do engajado e a avaliação, que precisa ser imparcial para ter credibilidade, do profissional do ramo. Prever, com margem razoável de segurança, a aprovação dos cinco anos para Sarney, tangendo-se as diretas para 89, não é o mesmo que torcer a realidade para favorecer o governo ou desagradá-lo. As diretas este ano estão indo para o brejo não por culpa dos que estão enxergando evidências mas pela atuação dos que renegaram compromissos de campanha, esconderam-se por trás do biombo das conveniências e interesses e criaram as condições que inviabilizaram praticamente a ansiada reivindicação da maioria consensual, quase unânime da sociedade.

Após a preliminar longa mas indispensável, vamos ao que importa. Qualquer listagem de responsáveis pelo malogro das diretas agora, em 15 de novembro, confere ao PMDB o primeiro lugar. Claro como água e irresponsável. O compromisso com eleições agora e com quatro anos de mandato foi assumido na rua, nos comícios, em pronunciamentos, discursos, apartes, nos arroubos da eloquência ou nos esgares da demagogia, pelo PMDB; isto é, pela legenda majoritária na Constituinte e, portanto, com a faca e o queijo na mão para cortar os pedaços da sua conveniência.

Mas, e Sarney? O presidente também tem a sua cota na solidariedade com a herança do presidente Tancredo Neves. Num outro nível de responsabilidade. Tancredo só assumiu os quatro anos numa oportunidade. Não foi um mote da sua campanha. Cobrado, posto, contra a parede, concedeu os quatro anos. Cabia ao PMDB, do alto da sua condição de tutor do governo improvisado na sacudidela da tragédia da morte de Tancredo, estabelecer as condições políticas, zelar por elas, torná-las inevitáveis. Para prevenir e calafetar brechas no futuro. Pois que é de uma inequívoca e notória transparência que o presidente José Sarney foi recuando — ou avançando — dos quatro para os cinco anos ante a omissão cúmplice, solidária, da maioria do PMDB repimpado no governo e com os decisivos empurrões dos militares.

Os militares ocuparam um espaço vazio. Se o PMDB exhibe a fatura do compromisso de Sarney, com o seu aval, o fato consumado não deixaria um palmo disponível para a intromissão das Forças Armadas, ostensiva na firmeza com que colocam as suas posições, embora acauteladas pelas fórmulas polidas do respeito sempre reafirmado à soberania da Constituinte.

O PMDB em primeiro lugar, a Constituinte na sua desordem partidária, na omissão, ausência e erros das suas lideranças, cavaram o buraco para sepultar as diretas este ano. Esta é a verdade. O resto, as miçangas das desculpas para enganar a tribo.

Uma proposta partidária bancada pela bancada majoritária do PMDB definindo uma posição oficial por eleições já, com quatro anos para a transição, teria, a seu tempo, encerrado a questão. A mobilização pelos cinco anos infiltrou-se no oco escancarado pelas espertezas pemedebistas da fuga sistemática, como truque para sustentar o fingimento da unidade.

Não é só. A Constituinte cindida de alto a baixo, bailando no ritmo dos interesses eleitorais da sua maioria, terminou por contaminar a pureza da ansiedade popular por eleições logo, fechando o círculo das mudanças.

Dai para cá, o enredo é conhecido. Curiosamente, porém, pouco avaliado. O presidente José Sarney está pisando firme no rumo dos cinco anos com o apoio das duas escoras que sustentam o equilíbrio do seu governo. Uma das pernas é a maioria parlamentar, instável mas que tem funcionado nos casos urgentes e graves. Sempre com a ajuda eficiente da máquina governamental acionada sob as inspirações do ensinamento franciscano, na versão fisiológica. A outra, mais grossa e bem calçada na solidez dos coturnos, a militar.

Com elas Sarney marcha no um-dois da ordem unida para os cinco anos. Tecendo a sua renda com os bilros fardados e paisanos: Os cinco anos estão se consolidando na massa dos interesses políticos da Constituinte e das tutelares advertências militares. O governo opera com o que tem, jogando com o peso dos seus argumentos, dos favores, mordomias, nomeações, vantagens. Repita-se: tudo isso só foi possível porque a Constituinte não afirmou sua decisão, os partidos se encolheram, as lideranças fugiram da raia.

Bem, e agora? Não parece possível salvar as diretas numa reviravolta de última hora. Nem a prudência aconselha fustigar a onça com chuçõ temerário. Salta aos olhos que uma virada da Constituinte custaria o preço de uma crise gravíssima, com sérias implicações militares.

A Constituinte do dr Ulysses, até pela maneira descansada com que se ajustou a calendário preguiçoso, operou sempre na perspectiva do adiamento das diretas para o ano que vem. A afinação por diretas-já reclamaria outra tática, outro andamento, outra postura.

Não dá mais para cultivar ilusões, para o embalo na rede das quimeras. O que está feito, está feito. A saída é adaptar-se às imposições da realidade para dela retirar as melhores consequências. Se as diretas para presidente estão perdidas, o que compete é garanti-las para 89, com o endosso militar e ir cuidando das eleições municipais deste ano. Antes que adiar eleições se transforme num hábito...